



Nahima Maciel

Juliana Lama começou a fazer trabalhos na rua embalada pelo movimento social relacionado à mobilidade urbana. Filha de um manauara, a artista de 36 anos, nascida no Distrito Federal, traz do Norte muitas de suas inspirações. “Eu andei muito pelas terras de meu pai e fui muito influenciada pelas histórias que ele contava, que nos transportavam para Manaus e seus arredores mesmo morando aqui, com bichos falantes pela floresta, rios e igarapés. Certamente, essas narrativas que guardam muitos segredos me influenciaram bastante”, conta.

Exuberância do Norte

A rua, ela explica, é um território muito atrativo e a condição de ser um espaço de passagem inspira histórias e imagens. “Fazer um trabalho na rua me salva, faço porque é uma maneira de respirar melhor, garante a artista, que venceu o Prêmio Transborda em 2018 e teve trabalhos expostos no Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM), no Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab) e no Museu de Arte de Belém (Mabe). “Trabalhar com arte nesse espaço envolve trocas inesperadas e uma comunicação que invade o cotidiano das pessoas, eu gosto disso.”

Pensar trabalhos para a galeria também tem seu encanto e faz parte da produção de Juliana. “A imersão que a galeria propõe é interessante para

FOTOS: THAIS MALLON



Juliana Lama tem muitas inspirações da região Norte

alguns trabalhos, a rua tem a sua espontaneidade. Gosto de ocupar os dois espaços com narrativas diferentes, que dialogam, se alimentam”, diz.

A pintura é a base da produção de Juliana, que também transita pela exploração

de processos alternativos e fotografia e aplicações de lambes. Entre os trabalhos que ela mais gostou de fazer está Sono sonho bom, sobre a relação do descanso com a vida cultural, especialmente a música ao vivo que, segundo



a artista, tem sofrido perseguições pela cidade.

“Música é uma tecnologia antiga para se viver melhor neste mundo, assim como o sonho, num sono de qualidade que a correria do cotidiano várias vezes sequestra. Um respiro, um delírio digno”, explica.

Ultimamente, Juliana tem trabalhado com os “olhos de guaraná”, lenda indígena amazônica na qual o fruto do guaraná teria nascido dos olhos de um menino. “Tenho trabalhado com os olhos de guaraná como um olhar latino, da floresta, originário, atento e energético. Um ‘tô de olho’ que nega engrenagens coloniais, se abre para outros mundos”, conta a artista.

Diversidade que inspira

Foi pelas ruas de Brasília, lá pelos 12 ou 13 anos, que Daniel Toys teve o primeiro contato com o grafite. Menino, gostava de desenhar e de andar de skate e nas pistas reparava na quantidade de grafite, pichação e tags. Mas foi antes mesmo de conhecer a pintura de rua, aos 9 anos, que ele pintou o primeiro mural. “Fiz uma baileia numa casa de praia da minha avó, numa parede”, conta o grafiteiro, que prepara, para o Festival Vulica, um painel com múltiplas inspirações que podem ir das próprias quebradas brasilienses e do pôr do sol particular do Cerrado à cultura popular nordestina que banha



FOTOS: DIVULGAÇÃO

sua própria ancestralidade.

Nascido e criado no Planalto Central, 34 anos, Toys é um dos nomes mais conhecidos da arte urbana de Brasília. É dele, por exemplo, o mural na entrada da Nicolândia, no Parque da Cidade, uma homenagem ao campeão olímpico Joaquim Cruz, medalha de ouro nos jogos de Los Angeles de 1984. “É um

mural que eu gosto bastante, eu consegui expressar bastante coisa ali, usar meus personagens, minhas cores, deixar uma mensagem para as pessoas que passam. A arte de rua vem para motivar, inspirar as pessoas”, diz.

Toys adora usar a rua como plataforma para as pinturas, sobretudo porque acredita nesse tipo de comunicação como

uma forma de deixar mensagens e inspirar as pessoas. “Eu gosto de deixar sonhos, de pintar sonhos. Meus murais, costume dizer, são portais para o mundo dos sonhos, onde tudo é possível. Sempre fui muito sonhador, gosto muito de tentar motivar pessoas, fazer com que elas busquem os seus sonhos”, garante. Toys também assina



Daniel Toys é nascido e criado na capital

o desenho que envolve a caixa de energia ao lado do Brasília Shopping, outra obra pela qual tem carinho enorme.

Para o Vulica, ele prepara um desenho no qual vai usar uma combinação de símbolos e ícones que viraram marca de sua produção. O trabalho vai ocupar uma das paredes internas do Conic. “Quando eu pinto na rua, eu tenho muito essa questão de transformar, de mudar, de ressignificar lugares, ressignificar ideias através das plataformas urbanas. Gosto de pintar os elementos da cidade, de tentar usar a cidade de uma maneira inteligente para passar uma informação, passar uma mensagem, comunicar com a cidade”, avisa o artista, que é formado em publicidade e trabalhou em agências porque sempre foi apaixonado por comunicação. (NM)